

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES
ISSN 1678-3182

VOLUME V

NÚMERO XIX

OUT - DEZ 2006

CONSTRUÇÕES DE MUDANÇA DE ESTADO E ASPECTO EM PORTUGUÊS E ESPANHOL: UMA COMPARAÇÃO.Paulo Correa – Universidade Federal de Sergipe/CNPq¹**Introdução.**

Este trabalho tem por objetivo demonstrar duas construções concorrentes – a predicativa e a verbal inacusativa – capazes de expressar linguisticamente a mudança de estado e de como elas se manifestam em duas línguas próximas, como são o português e o espanhol. Neste estudo, se demonstra que no português brasileiro (doravante PB) a construção preponderante é a predicativa, exemplificada por (1):

(1) A Maria **ficou** zangada.

E que, por outro lado, a construção verbal inacusativa se revela como a preferida na análise dos dados do espanhol. Essa construção é exemplificada em (2):

(2) María **se enojó**.

Da mesma maneira, estas construções se caracterizam por apresentarem diferentes aspectos: o *incoativo* e o *resultativo*, que correspondem, respectivamente a (2) e a (1). Assim, em termos sintáticos, cada uma das duas construções é preponderante em uma das duas línguas e, com relação à semântica, outra dicotomia se apresenta: enquanto

¹ Este trabalho só foi possível graças a um auxílio do CNPq, efetuado sob a forma de Bolsa de Doutorado. Agradeço, ainda, ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, pelo apoio durante o processo de conclusão do meu curso de Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

que a mudança de estado está associada ao aspecto resultativo no PB, em espanhol o mesmo fenômeno está associado a aspecto incoativo, o que demonstra concepções semânticas diferentes do mesmo fenômeno.

1. Sobre a noção de aspecto.

O aspecto é uma categoria gramatical ligada à veiculação de informação proporcionada pelos itens lexicais sobre a maneira como se dá o evento no qual estão inseridos. O fenômeno é definido da seguinte maneira por De Miguel (1999):

“O termo aspecto tem sido usado normalmente para fazer menção à informação (ou ao conjunto de informações) que um predicado proporciona sobre a maneira como um evento se desenvolve e se distribui no tempo.” (De Miguel 1999:2980).

Assim, a informação sobre a maneira como se dá um evento que transcorre no tempo é obtida por meio dos diferentes itens lexicais que fazem parte da construção. Além disso, é necessário diferenciar *tempo* de *aspecto*, duas noções que se encontram ‘em estreita relação’, para usar as palavras de De Miguel (1999). Grosso modo, enquanto o tempo está ligado à idéia do *quando*, o aspecto, por sua vez traz informação sobre o *como* se deu certo evento.

O tempo está associado à idéia de aspecto flexional, uma vez que é possível determinar quando ocorreu dado evento por meio da observação da flexão verbal. De Miguel (1999:2989) recorda ainda uma importante diferença entre tempo e aspecto. O tempo é uma categoria dêitica, o que significa que situa o quando ocorreu certo evento sempre com relação a uma categoria externa: o momento do enunciado (como no caso do pretérito perfeito do PB, por exemplo) ou o tempo em que outro evento se dá (como no caso do pretérito mais-que-perfeito do PB). O aspecto, por sua vez, marca o tempo como “uma propriedade inerente ao próprio evento”, ou seja, *como* se dá o evento no tempo. A forma como ocorre cada evento pode ser apreendida por um conjunto de elementos que trazem o seguinte tipo de informação: se o evento teve um final ou não, se ocorreu de maneira repetida, intermitente ou se ocorreu uma só vez, ou, ainda, se se deu de maneira instantânea ou por meio de um processo. Esse tipo de informação independe do momento em que se dá o enunciado e é intrínseco ao evento.

2. Sintaxe: duas construções concorrentes.

Espanhol e PB apresentam pelo menos duas maneiras de representar lingüisticamente uma mudança de estado – seja física ou psicológica – que ocorre a certo ente.

Em termos de mudança de estado psicológico, por exemplo, é possível dizer que dado ente sofre uma mudança de estado psicológico provocada por uma resposta que recebe. Em PB, essa mudança pode ser representada por meio de uma das duas construções sintáticas seguintes:

(3) Marina **ficou** furiosa.

(4) Marina **se enfureceu**.

O exemplo (3) corresponde à construção predicativa, como em (1). Em termos estruturais, essa construção compreende um adjetivo predicativo que vem unido ao sujeito por meio de uma pseudo-cópula, um elemento que cumpre a função de ‘verbo de ligação’, para usar a terminologia da gramática tradicional. A predicação sobre o estado em que se encontra o sujeito se dá através do adjetivo e a forma como o sujeito chegou àquele estado resultante é interpretada pela combinação do adjetivo com uma pseudo-cópula. Neste caso, *ficar* dá idéia de transição (ainda que isso não aconteça em todos os casos), opondo-se, por exemplo, a outra pseudo-cópula que atribui ao predicado um sentido estático de permanência, sem implicar necessariamente uma transição, como *permanecer*.

Em (4) a mudança de estado vem representada sintaticamente por meio de uma construção verbal inacusativa: ao passo que *furiosa* é um adjetivo, *enfurecer-se* é inequivocamente um verbo, com a propriedade que o faz pertencer à classe dos inacusativos: o sujeito é seu objeto nocional, uma vez que não há agente ou causador explícito nessa construção.

Em espanhol, as construções correspondentes a (3) e (4) são, respectivamente, (5) e (6):

(5) Marina **se puso** furiosa.

(6) Marina **se enfureció**.

O exemplo (5) é uma construção predicativa correlata de (3) e de (1). Uma comparação entre as duas línguas mostra uma diferença bem marcante. Enquanto que a pseudo-cópula mais freqüentemente empregada no PB para esse tipo de construção é *ficar*, o espanhol oferece uma variada gama desses elementos, que aparecem na construção predicativa, o que propicia uma distinção mais fina entre as possibilidades, mencionadas acima, sobre como se deu o evento, informações referentes ao aspecto lexical do evento. Como lembra Conti Jimenez (2006:2), o aspecto lexical “faz referência às características dos eventos, tais como seu caráter dinâmico ou estático, se são télicos ou atélicos² ou se são pontuais ou durativos”. Essa diferença do aspecto lexical das construções predicativas é que vai determinar a pseudo-cópula, dentro de um universo limitado mas não, pequeno, em que cada uma apresenta (ou oculta) uma semântica intrínseca, como *volverse*, *ponerse*, *convertirse*, *hacerse* e *quedar(se)*, entre outras, que tanto trabalho dão aos aprendizes brasileiros de espanhol.

Assim, a construção predicativa corresponde sempre à estrutura *pseudo-cópula + adjetivo*, não importa a língua que se esteja analisando. A grande diferença entre as duas línguas reside, por tanto no uso multi-funcional da pseudo-cópula *ficar* do PB frente variado repertório de pseudo-cópulas do espanhol, todas freqüentes, que se sucedem na função de ligar o predicativo ao sujeito e de atribuir a noção de mudança de estado à construção.

O exemplo (6) mostra a construção preferencial para a mudança de estado psicológico no espanhol: a verbal inacusativa. A diferença entre PB e espanhol no que diz respeito a essa construção se dá na análise da freqüência com que se dá em uma língua e outra. Uma análise da freqüência dessa construção no *Corpus de Referencia del Español Actual (CREA/RAE)* demonstra que ela é a preferida de 88% dos casos para expressar mudança de estado psicológico. A análise dos dados do PB, para comparação, foi elaborada com base na *Amostra Censo*, corpus sociolingüístico com mostras de fala da cidade do Rio de Janeiro, produzido pelo Programa de Estudos para o Uso da Língua (PEUL), da UFRJ. No que tange aos predicados psicológicos, a construção inacusativa, preponderante no espanhol, se restringe a apenas 36% dos dados. Os outros 64% dos dados do PB se dividem entre as construções predicativas com *ficar*, com e sem o clítico *se*.

² Diz-se que um predicado é télico quando denota acontecimentos que se encerram quando se alcança um fim natural. *Comprar o jornal* é um predicado télico, enquanto que *ser professor* é um predicado atélico, pois a situação denotada pela construção não deixa de acontecer nem tem em seu significado a noção de que se encaminha para um término natural.

Pode-se dizer, então, que o PB tem uma tendência a expressar a mudança de estado por meio de uma construção sintática diferente da do espanhol, que corresponde à estrutura de pseudo-cópula seguida de adjetivo, que corresponde à construção predicativa, ao passo que o espanhol apresenta uma tendência ao maior uso da construção verbal inacusativa.

Ainda com relação à construção atributiva, típica da expressão da mudança de estado em PB, é importante ter em mente é que todas as seguintes construções de mudança de estado físico (extraídas de Eres Fernández, 2005:174) são instâncias de construções predicativas, apesar das pseudo-cópulas diferentes:

- (7a) Él **se puso** colorado.
- (7b) El semáforo **se puso** en rojo.
- (7c) La toalla era blanca y **se volvió** roja.
- (7d) La salsa **salió/resultó** roja.
- (7e) Él **se puso (hecho)** uma fiera.

Como em PB se usa uma pseudo-cópula geral *ficar*³, Eres Fernández demonstra através de uma tabela, que todas as pseudo-cópulas acima correspondem, naturalmente a construções com *ficar* no PB, como se demonstra em 8:

- (8a) Ele **ficou** vermelho.
- (8b) O sinal **ficou** vermelho.
- (8c) A toalha era branca e **ficou** vermelha.
- (8d) O molho **ficou** vermelho.
- (8e) Ele **ficou** uma fera.

Com isso, espera-se ter demonstrado que todos os exemplos de (7) são instâncias de um mesmo fenômeno, correspondendo todos aos de (8), aparentemente mais homogêneos entre si.

Os exemplos de construção predicativa, vão contrastar em outros aspectos com as construções verbais inacusativas, desta vez, no âmbito semântico e cognitivo.

³ O que não significa dizer que em PB não se usem outras pseudo-cópulas de frequência bastante menor na língua oral, em termos comparativos, como *tornar-se* e *acabar*, entre outras.

3. Semântica: aspectos diferentes.

Em termos cognitivos, essa diferença corresponde a duas maneiras diferentes de abordar e entender a noção de mudança de estado. No caso das construções predicativas de (3) e (5), por exemplo, a mudança de estado está associada à idéia do sujeito (no caso, Marina) chegar a alcançar um novo estado (neste caso, psicológico), diferente do inicial, em que se encontrava.

Já nos casos de (4) e (6), a representação lingüística da mudança de estado não faz menção ao estado que foi alcançado por *Marina* como resultado da mudança. Na verdade, a expressão focaliza a mudança em si, o momento em que o sujeito deixa o estado inicial que o caracterizava e 'fotografa' a mudança pela qual ele passa. Para continuar usando a metáfora da fotografia, pode-se dizer que, em cada uma das construções sintáticas acima descritas, a mudança de estado é fotografada de uma maneira e qualquer uma das duas fotos, ainda que diferentes, é suficiente para demonstrar que houve uma mudança de estado. Ao passo que nas construções inacusativas a fotografia tirada mostra o momento exato em que a mudança está em andamento, nas construções predicativas ocorre um 'atraso', sempre em termos metafóricos, da tomada da fotografia. Neste caso, a representação lingüística 'fotografa' o sujeito depois de este já ter alcançado o estado resultante da mudança a que foi submetido. Ambas as fotos/maneiras de representar linguisticamente o evento são pertinentes, reveladoras de uma mudança de estado e representam o mesmo fenômeno. No entanto, para entender como o mesmo fenômeno pode ser representado de maneiras tão diferentes, há que levar em conta a idéia de que o fenômeno de mudança de estado pode ser considerado semanticamente como um evento complexo, e predicados complexos podem ser semanticamente decompostos em partes menores, que são as que são captadas pelas diferentes representações lingüísticas, como se explicará a seguir.

O fenômeno de mudança de estado se caracteriza por ser dinâmico e complexo, o que significa dizer que se desenvolve no tempo e as partes de que está composto não são homogêneas. O momento retratado pela construção predicativa é diferente do momento captado pela construção verbal inacusativa.

Isso se deve ao fato de que, segundo Pustejovsky (1991), os eventos, que na classificação de Vendler (1967) se caracterizam por serem dinâmicos e desembocarem em um estado resultante (como os acontecimentos e as realizações)⁴, chamados por Pustejovsky de *processos*, tipicamente heterogêneos, como é a mudança de estado,

⁴ Vendler (1967) classifica os eventos segundo seu aspecto lexical em estados, atividades, acontecimentos e realizações.

estão constituídos de fases ou momentos homogêneos sucessivos que se combinam para formar um evento complexo. Com base na idéia de Pustejovsky, De Miguel & Fernández Lagunilla (2000) (doravante M&FL), efetuam uma classificação semântico-aspectual dos eventos em espanhol. Dentro de sua classificação, a mudança de estado é caracterizada como um acontecimento composto, que se divide, por sua vez em três diferentes fases, como proposto por Pustejovsky⁵. Essa é uma instância da abordagem semântica aos predicados complexos denominada decomposição de predicados complexos, cuja argumentação defende que os eventos compostos só são concebidos na cognição como uma sucessão de eventos simples e é por meio da focalização de cada um desses eventos que se forma na cognição a noção de um evento composto. A respeito da idéia de Pustejovsky, assumida por M&FL, Conti Jiménez (2006) comenta:

“A estrutura eventiva tem uma micro-estrutura ou estrutura subeventiva: ou seja, alguns eventos (os eventos complexos, como veremos) são decomponíveis em unidades menores ou subeventos.” (Conti Jiménez, 2006:10).

Assim, para M&FL, o acontecimento composto que define a construção de mudança de estado se constrói por meio de diferentes eventos simples ou fases agrupados em uma sucessão temporal: a fase inicial, na qual ainda não ocorreu a mudança e o ente ainda se encontra no estado anterior; a fase intermediária, onde se dá a transição crucial do estado físico/psicológico do ente; e a fase final, caracterizada pelo estado resultante no qual vai se encontrar o ente depois de a transição ter ocorrido.

A essas fases correspondem os diferentes momentos capazes de serem ‘fotografados’ para fins de expressão lingüística. Assim, as diferentes possibilidades de expressão de um evento complexo entre o espanhol e o PB ou entre grupos de falantes dentro da mesma língua, se explica pela existência de diferentes subeventos no interior dos eventos complexos. Como explica De Miguel:

“Como se mencionou anteriormente, um estado se diferencia de um evento dinâmico porque enquanto o primeiro se dá de forma homogênea em casa um dos momentos do período de tempo pelo qual se estende, um evento dinâmico, caracterizado por progredir e mudar, está composto de diferentes fases. Das diferentes fases que compõem um

⁵ Um termo correspondente a *fase* que é empregado com mais frequência na literatura semântica é *subevento*. Pode-se entender um evento complexo como uma mudança de estado como um evento composto de subeventos homogêneos.

evento dinâmico, o falante pode decidir focar a fase inicial, a fase intermediária ou a fase final.” (De Miguel, 1999:3022).

No caso das construções verbais inacusativas dos exemplos (2), (4) e (6), a focalização/fotografia se dá na fase intermediária. Essa é uma opção de focalizar o processo da mudança e, não, o resultado. No caso da construção predicativa, a opção é a inversa, é o resultado que é fotografado, não importando a expressão do processo. A idéia do contraste entre ‘foco no processo’ versus ‘foco no resultado’ é de Fanjul (2002) e já foi aplicada por este autor no estudo comparado das discursividades brasileira e argentina. Os resultados aos que chegou são corroborados por este estudo, uma vez que Fanjul observa que, entre outros fatores, a discursividade brasileira tende a representar eventos dinâmicos (compostos, como se mostrou, de diferentes fases) por meio da opção pelo ‘foco no resultado’, enquanto que a discursividade argentina se caracteriza pela opção de ‘focalizar o processo’ de uma situação dinâmica.

A opção do falante/grupo de falantes por representar um evento complexo por meio de uma referência lingüística a uma de suas fases pode representar uma de duas coisas: a) que o recurso à expressão lingüística de fases/eventos simples para serem tomados metonimicamente como eventos complexos na língua (seja qual for a fase /evento), representa uma limitação cognitiva no que concerne à representação de eventos dinâmicos, ou b) que os eventos dinâmicos são concebidos de maneira diferente, segundo a língua ou o grupo de falantes em questão. Neste caso, não haveria metonímia: a mudança de estado representada por meio do foco no resultado seria concebida como um estado resultante, enquanto que a mudança representada pelo foco no processo seria concebida na cognição dos falantes como um processo, e a terceira fase desse evento estaria, de alguma maneira, desativada para a cognição. Essa é uma questão que no momento atual não tem como ser respondida, inclusive pela falta de estudos específicos sobre o tema.

O que é certo é que cada uma dessas construções, caracterizada por um tipo de focalização ou ‘tomada’ diferente veicula um aspecto particular. Ainda segundo M&FL, a construção que tem por base da expressão lingüística a transição (identificada neste trabalho com a segunda fase), veicula um aspecto incoativo (ingressivo, nas palavras de M&FL) já que focaliza o momento em que tem início a transição de um estado a outro. Por outro lado, a construção que focaliza a terceira fase, ou fase final e associa o ente ao

estado resultante alcançado depois da mudança, tem aspecto resultativo, o que implica que diz mais sobre o resultado que sobre os demais momentos do evento dinâmico.

Portanto, à dicotomia sintática entre construções predicativas e verbais inacusativas, corresponde o contraste semântico entre, respectivamente, aspecto resultativo e aspecto incoativo. A esses diferentes aspectos semânticos se chega por meio dos processos cognitivos de focalização, respectivamente, no resultado e no processo.

4. Conclusões.

Através desta análise foi possível demonstrar que as duas construções em estudo – a predicativa e a verbal inacusativa – utilizadas para a expressão lingüística da mudança de estado são encontradas tanto no português brasileiro quanto no espanhol, mas distribuem-se (e se realizam, como no caso das predicativas) de maneira diferente.

Enquanto uma língua tende à expressão do *processo* envolvido no evento complexo em questão, a outra tende a expressão do *estado resultante* da mudança, o que determina características aspectuais diferentes para as construções, e, por conseqüência, entre as línguas.

Assim, pode-se dizer que, em termos aspectuais, enquanto as construções majoritárias de mudança de estado do PB, em termos quantitativos, tendem a veicular o aspecto resultativo, as construções majoritárias no espanhol, sempre em termos quantitativos, veiculam o aspecto incoativo.

Esse contraste aspectual é causa de um conflito semântico entre as duas línguas que, muitas vezes, passa de maneira subliminar inclusive em situação de aprendizagem entre de uma e outra língua. Uma citação de Lieberman (2006), ao comentar a expressão “mi hijo se va a quedar enojado”⁶, produzida por uma aluna brasileira de espanhol do curso livre de línguas da Universidade de Buenos Aires, explica a questão:

“O problema de interpretação que se apresenta para nós, nativos, é o de não sabermos exatamente qual é a fase subeventiva que o falante do português brasileiro está enfocando. A questão crucial, na minha opinião, é que o uso excludente de ‘quedar(se)’ em contextos de transição e mudança nos leva a interpretá-lo com seu valor

⁶ A construção é um exemplo de interlíngua produzida por aprendizes brasileiros de espanhol que demonstra a dificuldade que estes aprendizes têm em representar a mudança de estado com a estrutura sintática esperada para o espanhol, algo como “mi hijo se va a enojar”. A escolha pela construção resultativa além de incorrer em um conflito semântico, ainda revela a escolha inadequada da pseudo-cópula, que poderia ser *ponerse* e não, *quedarse*.

de ‘permanência em um estado’, daí a sua falta de aceitabilidade em espanhol.”
(Lieberman, 2006:5)

Esse conflito semântico decorre da dificuldade que normalmente se tem, no confronto entre as línguas, de se perceber as escolhas semânticas que são sutis, mas que não podem ser passadas por alto, quando o que se quer é conhecer verdadeiramente as diferenças entre duas línguas tão “parecidas”.

Referências Bibliográficas

- DE MIGUEL, Elena. 1999. El Aspecto Léxico. In: I. BOSQUE & V. DEMONTE: *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- ERES FERNÁNDEZ, Isabel Gretel María. 2005. Cómo llegar a ser capaz de explicar que la rana se convirtió en un príncipe sin volverse loco y sin ponerse nervioso, o los verbos de cambio en la clase de E.L.E. In: SEDYCIAS, João. *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola.
- DE MIGUEL, Elena & Marina FERNÁNDEZ LAGUNILLA. 2000. El operador aspectual se. *Revista Española de Lingüística* 30,1. 13-43.
- FANJUL, Adrián. 2002. *Português x espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo*. São Paulo: Claraluz.
- PROGRAMA DE ESTUDOS DO USO DA LÍNGUA. 2003. *Amostra Censo*. CD-ROM. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PUSTEJOVSKY, James. 1991. The syntax of event structure. En: LEVIN, Beth & Steven PINKER. *Lexical and conceptual structure*. Oxford: Blackwell.
- REAL ACADEMIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA). Disponível on-line: www.crea.rae.es
- VENDLER, Zeno. 1967. Tense and events. Ms. Cornell University.